

FOTOGRAFIA

Projeto Foto em Pauta vai contar com a participação da artista plástica mineira Rosângela Rennó, em debate com o público, amanhã à noite, na Sala Juvenal Dias do Palácio das Artes

Instrumento de fé

WALTER SEBASTIÃO

Artista plástica mineira, Rosângela Rennó é a convidada do Projeto Foto em Pauta, amanhã, às 19h, na Sala Juvenal Dias do Palácio das Artes. Radicada no Rio de Janeiro, ela é uma das mais importantes criadoras da arte contemporânea brasileira e, mesmo, internacional.

Ao longo dos anos, Rosângela Rennó vem elaborando, especialmente a partir de fotos descartadas, o mais tocante, denso e crítico discurso poético sobre a fotografia. São objetos e instalações que, operando no campo da arte, vazam este limite e jogam luzes surpreendentes sobre história, comunicação, movimentos sociais, mídia, dramas humanos etc. Já mostrou suas obras em alguns dos mais importantes eventos de arte do mundo, entre eles a Bienal de Veneza, por duas vezes.

Rosângela Rennó vai mostrar trabalhos que ainda não foram vistos em Belo Horizonte e falar sobre como constrói suas obras. "Mas é bate-papo mesmo", avisa, contando que gosta de responder às perguntas do público. "A

fotografia, para mim, não é só o ato fotográfico, é algo mais complexo. Houve tempo em que ouvia as pessoas dizerem que eu era a artista que lida com temas sociais. E observava que o trabalho não é só isso. Cada proposta caminha num rumo", explica.

A artista, que já falou de afeto, identidade, violência, o anonimato, do circuito e da linguagem fotográfica, conta, ainda, que vê pela sua lente as "humanidades, o que o ser humano é capaz de fazer para o bem e para o mal". E mais: "A fotografia sempre foi documento e instrumento de fé, as pessoas acreditam no poder dela, por isso ela é sempre mais do que documentação", completa.

O exemplo pode ser o trabalho que Rosângela Rennó vai apresentar em exposição, até o fim do ano, na Galeria Vermelho (SP), que leva o título de *A última foto*. Ele chamou 43 fotógrafos, deu a cada um deles um filme para registrar imagens do Corcovado, com uma das 43 velhas câmaras mecânicas de sua coleção particular. Uma imagem vai ser ampliada e apresentada com o instrumento lacrado.

Em jogo estão desde a questão

da autoria e do uso de coisas abandonadas até a intervenção crítico-poética num momento em que a indústria decidiu interromper a fabricação dos equipamentos fotográficos não-digitais. "Não lamento o fim das máquinas mecânicas, uso o digital sempre que preciso. Lamento o fim da possibilidade de escolha por razões de mercado", afirma.

Com relação aos motivos que os trabalhos detalham, Rosângela Rennó explica que eles são muitos e que seu procedimento é seguir o que cada um deles pede, movido por respeito traduzido na operação de "resgatar, renovar e retrabalhar" imagens. "A questão é sempre a foto", diz.

A artista é graduada em Artes Plásticas pela Escola Guignard e em Arquitetura pela UFMG, doutora em Artes pela ECA/USP. Entre os muitos locais onde já expôs seus trabalhos estão a Appel Foundation, em Amsterdã (Holanda), o Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles, o Australian Centre for Photography (Sydney), o Museu do Chiado (Lisboa), Casa de América (Madri), além dos principais espaços no Brasil.



MARIA TEREZA CORREIA

Rosângela Rennó vai conversar com a platéia sobre as possibilidades artísticas da fotografia

CONVERSA COM ROSÂNGELA RENNÓ

Amanhã, às 19h, na Sala Juvenal Dias do Palácio das Artes (Av. Afonso Pena, 1.537, Centro). Entrada franca, mediante a doação de 2 quilos de alimentos não-perecíveis. Inscrições: (31) 3217-3595.